

SOBRE BEBES E HOMENS OU O RADINHO DE PILHA E AS MASCULINIDADES FUTEBOLÍSTICAS

ON BABIES AND MEN OR THE CELL RADIO AND THE MASCULINITIES ON THE FOOTBALL FIELD.

Jorge Knijnik

University of Western Sydney, School of Education (Australia).

Resumo

Ser homem na contemporaneidade tem sido uma tarefa complicada. A profusão de discursos sobre a masculinidade bem como as revoluções Feministas ao longo do último século mexeram profundamente com as relações sociais de gêneros – e portanto com as masculinidades. O esporte, enquanto um fenômeno e um espaço social que promove constantemente a masculinidade hegemônica, não consegue se ver alheio às questões de gênero que diariamente se ‘apresentam’, se incorporam nos e nas atletas. O objetivo deste trabalho, portanto, foi o de analisar o que a mídia esportiva tem a dizer sobre as masculinidades esportivas. Particularmente, se analisou o discurso de um programa de rádio que reúne nomes importantes da mídia esportiva do Sudeste brasileiro. Conclusões preliminares apontam que radialistas esportivos estão absolutamente presos a normas de gênero limitantes, estereotipadas e preconceituosas, que pretendem restringir os jeitos de ser dos atletas em pleno século XXI, a partir e com suas regras morais do século XIX.

Palavras-chave: masculinidades; rádio esportivo brasileiro; preconceito de gênero.

Abstract

Being a man nowadays has become a difficult task. The multitude of discourses around masculinities as well as the several Feminist revolutions that took place in the last century have shaken up the social gender relationships – therefore the masculinities. Sport, as a phenomenon and a social space that constantly promotes hegemonic masculinity, must be aware of the gender issues that are incorporated by athletes in a daily basis. Though, the aim of this work was to analyse the talks of influential journalists from Brazilian Southeast who meet daily in a nationally broadcasted radio round-table. The preliminary findings of this paper demonstrate that these journalists are still prisoners of 19th century, stereotyped and restrictive gender rules which, in the 21st century, aim to put rigid boundaries on the athletes lifestyle.

Key words: masculinities; Brazilian sports press; gender prejudice.

Resumen

Ser hombre en la contemporaneidad ha sido una tarea complicada. La profusión de discursos sobre la masculinidad, así como, las revoluciones de las feministas en el último siglo agitó profundamente las relaciones sociales de géneros – y, por lo tanto, con las masculinidades. El deporte, mientras un fenómeno y un espacio social que constantemente promueve la masculinidad hegemónica, no puede estar alejado de las cuestiones que, diariamente, se presentan, se incorporan en los y en las atletas. El objetivo de este trabajo, por lo tanto, fue analizar lo que la prensa deportiva tiene que decir acerca de las masculinidades deportes. Particularmente, se ha analizado el discurso de una transmisión de radio reúne a importantes nombres de la prensa deportiva desde el sureste de Brasil. Conclusiones preliminares apuntan que locutores están, absolutamente, atascados a normas limitantes, estereotipadas y prejuicios, que intentan restringir da forma de ser de los atletas en el siglo XXI.

Palabras clave: masculinidades; radio deportiva brasileña; prejuicios de género.

a esperança(...) isso é coisa de homem... esse bicho..
estelar...que sonha..(e luta).

Ferreira Gullar

1. A mídia e o macho

Virar um homem tem sido algo complicado na contemporaneidade. Há algumas décadas, tanto as relações sociais de gêneros como os próprios papéis e expectativas sobre estes eram muito bem definidos, e os meninos tinham muita clareza em como ser e estar no mundo para serem considerados, sem sombra de dúvida, bons meninos – assim como os homens, que tinham um rumo relativamente uniforme, visto como adequado para exercer a sua masculinidade. Entretanto, com o avançar do século XX, e, sobretudo após a Revolução¹ Feminina da década de 1960, as mentalidades mudaram e continuam em plena mudança. Desde o final do século XIX, e durante o século XX, os diversos movimentos feministas foram quebrando paradigmas, até que, com a extensa movimentação social dos anos 60, nunca mais as relações sociais entre os

gêneros foram as mesmas... As mulheres foram conquistando diversas posições profissionais e sociais, criando novas formas, jeitos e modelos de ser mulher e lidar com seus elementos femininos, inclusive incorporando nestas formas diversos elementos masculinos que anteriormente lhes eram inacessíveis.

Já os homens... Estes ainda se encontram em profunda crise de identidade, aquilo que muitos apontam como “a crise da masculinidade”, ou mais cruamente, a “derrocada do macho”. Afinal, o que se espera de um homem na contemporaneidade? Ele não pode ser agressivo, nem predador, mas se for muito delicado, as desconfianças e acusações sobre suas supostas “perversões sexuais” acabam por serem redobradas. Este tipo de suspeição moral se enquadra exatamente naquilo que Knijnik (2011) denominou de “polícia do sexo e do gênero”, que seriam pessoas da comunidade dispostas a continuamente fiscalizarem se as normas e condutas sociais não escritas sobre a sexualidade e o gênero estão em conformidade com certas expectativas sociais (Connell 1995). Esta vigilância vem recaindo com muito mais peso

¹ Empleo aquí o termo “revolução” no sentido que Benevides (2001) utiliza, ou seja, uma forte mudança em estruturas sociais, em um curto período de tempo.

sobre os homens: se as mulheres acabaram, com muita luta e ainda com dificuldades, por conquistarem espaços em áreas anteriormente muito restritas a elas, como em diversos esportes, para os homens tudo continua muito restrito: meninas lutam, desafiam e terminam por conseguir seu espaço para jogar futebol em escolas; mas os meninos conseguem dançar? Aliás, que menino seria “macho” o suficiente para encampar um movimento reivindicatório pelo direito à dança e às atividades rítmicas? Por outro lado, as mulheres, com muito esforço, participam de modalidades tidas como masculinas (lutas, futebol, handebol, entre outras), mas quais são as notícias sobre homens competindo em ginástica rítmica desportiva, ou em nado sincronizado, para citarmos algumas modalidades cujo ideário é notoriamente associado ao universo feminino?

É exatamente a seara de onde saíram estes exemplos mencionados-isto é, o mundo dos jogos esportivos – a responsável por muitas das mais influentes configurações e reconfigurações de símbolos e representações sociais sobre os gêneros (Anderson, 2008). Os vários esportes, atividades corpóreas por excelência, lançam para a sociedade uma série de imagens, figuras, comportamentos e códigos corporais que acabam por transmitir valores agregados de como ser homem ou mulher na atualidade. E toda esta simbologia e conjunto de valores generificados que se instalam e permeiam a vida cotidiana por meio do esporte, acabam por serem amplificados por todas as mídias da atualidade. Se, conforme Knijnik e Souza (2011, 18) não podemos afirmar que as mídias são responsáveis diretas pela criação de representações sociais – as quais, para os autores, já existem na sociedade, sendo “(...) frutos dos processos interativos e comunicacionais dos grupos sociais”, ao mesmo tempo devemos considerar, como inclusive fazem os autores, que o próprio *mass media* freqüentemente afunila, dá ou tira o foco, ou mesmo, como propõe Moscovici (1985), dirige o fluxo das

representações sociais para uma ou outra determinada direção.

Desta forma, se considerarmos a importância que a mídia tem para o esporte, transmitindo diuturnamente seus espetáculos, suas glórias e façanhas, alçando seus protagonistas a heróis nacionais e internacionais; e ao mesmo tempo, se pensarmos na quantidade de programas e espaços que o esporte ocupa nas diversas mídias, percebemos a importância que é estarmos atentos a esta mídia, procurando sempre estudá-la e destrinchar as representações sociais que os seus atores veiculam incessantemente. Assim, é foco deste trabalho pensar e pesquisar como se dão as configurações de masculinidades nesta mídia, estudando particularmente o caso do discurso radiofônico de jornalistas que trabalham com futebol.

O rádio ainda hoje tem uma importância muito grande no contexto do futebol brasileiro. As principais narrativas do esporte acontecem por meio do rádio – muitas transmissões futebolísticas não são televisionadas, e outras tantas acontecem por meio da TV à cabo, o que faz com que uma imensa maioria de torcedores sem recursos não possa acompanhar os jogos (Bellos, 2003). Mas há também outro fator muito interessante na cultura futebolística brasileira, e na sua relação com o rádio: é folclórica e verdadeira a figura do torcedor que acompanha o jogo em pé no estádio, nos piores lugares em termos de conforto e visibilidade, assistindo ao jogo, mas acompanhando a narrativa deste por meio de um pequeno radinho (o rádio “de pilha”) colado ao ouvido; os comentaristas inventam histórias, contam dramas, geralmente narram uma história que não é exatamente aquela que está de fato acontecendo no campo, mas sim uma tragédia, com lances épicos, e sempre com grande velocidade – o jogo pode estar modorrento, mas ao ligar o rádio, este parece estar sendo jogado por velocistas entusiasmados (Aquino, 2002). Assim, a presença do rádio no futebol brasileiro é vital, e os comentaristas e radialistas de futebol são

figuras públicas notórias, famosas e queridas, com presença permanente no imaginário social, pois gerações e gerações de crianças, garotos e homens, acompanham estas narrações, discutindo aqueles que mais gostam, ou aqueles que detestam, e imitando, em suas brincadeiras, os estilos de cada um dos locutores. Aprender a escutar, a entender e a visualizar um jogo por meio do rádio, é uma tarefa difícil que os garotos têm que treinar, junto com seus pais. Rádio e futebol no Brasil são, enfim, aliados inseparáveis.

2. Estudando o machismo no rádio futebolístico

O *objetivo geral* deste trabalho foi estudar os discursos das masculinidades presentes em programas futebolísticos difundidos pelo rádio. *Especificamente*, escutei e estudei o programa “momento do esporte”, veiculado em cadeia nacional todas as tardes de dias úteis, entre 16h45 e 17h00, por uma das grandes rádios do Brasil, a CBN – “a rádio que toca notícia”.

Como se pretendeu aqui analisar os discursos de profissionais da mídia, a *metodologia* eleita para a consecução deste estudo teve um caráter qualitativo, pois as questões que alavancaram este projeto possuem elas próprias natureza qualitativa. Desta maneira, após a escuta, gravação e transcrição de dez dos programas já citados, optou-se neste estudo por se fazer a análise de um deles, o qual trazia textualmente à tona a questão de nosso interesse particular, que são as masculinidades esportivas.

A partir do levantamento e organização destas transcrições, os *procedimentos adotados* foram vinculados ao campo da análise do discurso (BARDIN 2002) e também da abordagem hermenêutica (ROMERO 2004). O encaminhamento da pesquisa teve os seguintes passos:

a) Leitura flutuante dos textos - como trata Bardin (2002, 96), esta leitura é aquela em que se deixa “(...) conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e

orientações (...) por analogia com a atitude do psicanalista”.

b) A partir destas primeiras leituras, e utilizando-se do referencial teórico acerca das masculinidades, e ainda empregando – se o aporte metodológico de Bardin (2002), foram elaboradas categorias de conteúdos relacionados aos discursos dos jornalistas, já transcritos, e capazes de dar suporte às inferências pretendidas.

c) A partir de então, os textos, já no interior de cada categoria, foram estudados por meio da *abordagem hermenêutica*, conforme descrita por Romero (2004), em longa análise do material iconográfico produzido por ocasião dos Jogos Pan-americanos de Santo Domingo (2003). Para a autora, a abordagem hermenêutica, utilizando as várias formas de palavras e textos previamente categorizados, é um processo que consegue trazer os textos à compreensão do leitor para além da mera inteligibilidade. Assim, e partindo da premissa que um texto pode tomar muitas formas e permitir diversas interpretações, a autora procedeu a análise deste material iconográfico, sem, contudo descartar o material escrito. Romero (2004, 230) averiguou “(...) as mensagens que estavam recebendo atenção particular, e aquelas que estavam sendo negligenciadas”. Desta forma, a autora conclui que a técnica da abordagem hermenêutica “(...) é particularmente útil quando interpretamos um texto (...) ao qual é dirigida tão valorosa carga de atividade cultural, como o esporte”. (ROMERO 2004, 230).

3. No dia 24

O programa “momento do esporte”, que como foi dito, é diário, e na verdade é um bloco esportivo no interior de uma programação maior, chamada de “CBN total”, a qual é ancorada pelo jornalista Adalberto Piotto vespertinamente nesta rádio. Assim, no horário já citado, todos os dias, o jornalista interrompe os outros assuntos (política, noticiário policial, artes, *fait divers*, enfim) e

faz uma reunião virtual com diversos jornalistas que atuam prioritariamente com esporte, como fora uma daquelas famosas “mesas-redondas” que ocorrem aos domingos à noite na TV. Denominamos a reunião de “virtual” pois oficialmente nela estão presentes jornalistas esportivos de vários estados do Brasil: estes jornalistas representam na verdade os Estados com maior densidade populacional, com maior poderio econômico, e conseqüentemente com a tradição de melhores resultados esportivos. São eles Victor Birner (que comenta jogos e discute futebol em São Paulo), Marcos Guiotti (que faz a cobertura esportiva para a CBN em Belo Horizonte) e Carlos Eduardo Eboli (conhecido comentarista e jornalista esportivo do Rio de Janeiro). Assim, no horário marcado, eles se reúnem para discutir esporte, mas invariavelmente seu assunto é apenas um: futebol.

O tom do programa tem duas marcas registradas: a primeira é a *crítica a técnicos* e cartolas, os primeiros sofrendo julgamentos por suas posturas e escolhas táticas (os jornalistas citados sempre tem outra solução para os problemas de algum time, invariavelmente melhores que aquelas que os treinadores adotaram nos dias anteriores), e os segundos sendo achincalhados em função das políticas errôneas de clubes e entidades esportivas. A segunda marca do programa “momento do esporte” são na verdade as *grandes brincadeiras* que os jornalistas fazem entre si, sempre um tripudiando sobre as opiniões e mesmo a respeito da derrota dos times dos outros; estas “gozações” quase sempre revelam um espírito absolutamente chauvinista e homofóbico, que é o que se pretende revelar e estudar aqui. Exemplo disto são os comentários sobre trejeitos de jogadores que saem um pouco da norma, ou mesmo comemorações nas quais os atletas extravasam muito em seus contatos corporais – todos estes são sempre alvos de críticas pesadas, baseadas em preconceitos que resvalam para a discriminação dos atletas que transgrediram, mesmo que momentaneamente, a norma “oficial”.

Nesta pesquisa, me ative especificamente ao programa “momento do esporte” do dia 24 de abril de 2007. Como explicado anteriormente, foram gravados e escutados dez destes programas ao longo de duas semanas; entretanto, para fins de uma análise sobre a questão das masculinidades esportivas, este programa do dia 24²/04 traz muitos exemplos ilustrativos. Neste dia, os jornalistas debatiam e faziam prognósticos sobre o jogo que ocorreria em breve na Inglaterra, entre as equipes do Milan (Itália) e do Manchester (Inglaterra), que iriam disputar a 1ª partida da semifinal de um dos maiores campeonatos de futebol do mundo: a *Champions League*, antigamente denominada Copa dos Campeões da UEFA, que reúne os melhores e maiores clubes europeus, certamente os clubes com maior poderio econômico do futebol mundial. Nestes dias, o mundo do futebol girava em torno deste jogo, e era quase obrigação dos jornalistas falarem dele.

Assim foi. O âncora Piotto abriu o programa cumprimentando a todos e já atirando no ar a primeira pergunta: “Senhores, vocês acham que finalmente o Kaká e o Cristiano Ronaldo irão assumir uma grande partida como homens, ou então irão enfiar a cabeça no meio das pernas, e sumir como meninos?” (os jogadores citados são ídolos e estão entre os melhores atletas do mundo e logicamente de suas equipes, respectivamente a italiana e a inglesa).

A esta provocação, o jornalista carioca responde: “Sim, eles terão agora a grande chance de provarem que já não são meninos, mas sim que viraram homens, capazes de assumirem as suas responsabilidades e carregarem seus times nas costas”.

Nestas duas frases, as revelações já são surpreendentes: para os jornalistas, existe

² A curiosidade e coincidência do programa ser no dia deste número, é que o 24 é sempre associado, em virtude do popular “jogo do bicho”, ao veado, o qual, por sua vez, é relacionado ao comportamento homossexual masculino, o que de certa forma, tem interfaces com a discussão das masculinidades aqui proposta.

somente um jeito de ser homem, e os homens têm que mostrar a todo instante este jeito, assumindo responsabilidades, sendo corajosos, e não garotinhos que se escondem atrás de suas pernas, ou de suas mães. Estes discursos mostram que o esporte, notadamente o futebol, é capaz de construir homens, remetendo a uma fala do presidente norte-americano Theodore Roosevelt, no final do século XIX, o qual, preocupado com o “afrouxamento” dos homens americanos, sugeria que somente os esportes agressivos poderiam trazer de volta o verdadeiro espírito de força e camaradagem masculinas (Hult 1994). Note-se, entretanto, que não é qualquer tipo de homem que o esporte mostra e constrói: tanto há dois séculos como nesta final de futebol do século XXI, o homem que deve aparecer é aquele que foi considerado por Connell (1995) como o representante da masculinidade hegemônica, ou seja, um tipo de homem que pressupõe uma masculinidade que pretende subjugar, por meio de comportamentos e atitudes violentas, todas as outras formas de masculinidade que existam ao seu redor. Terret (2004) por sua vez, propõe que existe uma diversidade de formas de masculinidade, coexistindo simultaneamente, quase sempre de forma hierarquizada, com conflitos latentes ou mesmo reais entre elas, mas sim todas frutos de cenários históricos e sociais, e que demonstram o fato de não existir uma única tampouco universal forma de ser homem na contemporaneidade.

Entretanto, é para lá que os jornalistas querem dirigir o pensamento do ouvinte, sempre empregando exemplos dos jogadores em questão, os craques que deveriam provar, naquele evento fatídico, que já cresceram e assumiram a condição de homens; este estado, segundo os radialistas, possui até uma expressão física manifesta no rosto. Não é outra a idéia que o jornalista paulista, Vitor Birner, aponta quando comenta que “Eu gosto do Cristiano Ronaldo, é um bom jogador, mas ele tem cara de bebê!”. Ao que o outro responde: “Isso mesmo, ele e o Kaká deveriam deixar crescer a barba, fazerem cara

de mau”. E Vitor Birner continua na mesma toada: “Eu não agüento quando eles erram e fazem cara de chorões; só vou confiar em ambos, quando, perdendo ou ganhando, fizerem cara de homens, ficarem parecidos com o Nigel Mansell, ou o Nelson Piquet!”.

Ou seja, para os jornalistas, não basta jogar bem; tampouco, carregar os times nas costas. O bom jogador de futebol, aquele que não é mais menino e sim um verdadeiro homem, estampa em seu rosto esta qualidade. O que vem ao encontro do que Rial (2000), ao estudar lutas e o rúgbi, percebeu: que o esporte para os homens é um *locus* que decididamente mostra a face e o *habitus* masculino, ou ao menos um tipo de *habitus*, isto é, deixa na carne as marcas para o herói, sejam ferimentos que serão mostrados como troféus da batalha, ou mesmo uma “cara” diferente, má, de “verdadeiro homem” como querem os jornalistas do “momento do esporte”.

Loland (1999), estudando corpos de homens atletas, também percebeu que existe, no corpo esportivo masculinizado, uma espécie de modelação em direção ao culturalmente aceito como hegemônico, ou o “verdadeiro homem”, que supera o menino, como querem os radialistas da CBN. E este modelo, para a autora, traduz a bravura, a juventude e a força que se querem ideais, quase uma unanimidade para o corpo masculino no esporte.

4. Conclusões preliminares

Este estudo, de caráter preliminar, certamente precisa ser ampliado, por meio de análises de novas gravações, ampliação da amostra, estudos comparativos entre novos programas, e outras propostas procedimentais. Entretanto, mesmo esta pequena amostra sugere e indica algumas direções para a reflexão.

A primeira delas é que os radialistas esportivos, ou ao menos estes participantes do “momento do esporte” da CBN, estão absolutamente presos a normas de gênero limitantes, estereotipadas e preconceituosas,

que pretendem restringir os jeitos de ser dos atletas em pleno século XXI, a partir e com suas regras morais do século XIX! E que os seus preconceitos muitas vezes resvalam para a discriminação, pois podem se tornar poderosos meios para dificultar ou impedir a vida de um atleta que não esteja de acordo com o que estes jornalistas pensam que é um “verdadeiro homem”. E esta discriminação com certeza é amplificada em função do poder de penetração e difusão que o veículo pelo qual eles se comunicam – o rádio – possui, sobretudo no futebol, modalidade em que a transmissão radiofônica permanece muito viva e presente para os amantes e torcedores dela (basta ver o número de torcedores que vai ao estádio, assiste aos jogos, mas com o radinho no ouvido, para acompanhar melhor a partida – ou mesmo aqueles que vêem os jogos na televisão, mas abaixam o som desta e ligam o rádio, pois preferem a narração e a informação deste veículo).

A segunda reflexão, talvez aquela que possa trazer mais efeitos e luzes para a área da Educação Física, é como, a partir destes dados, um educador pode se relacionar com a mídia esportiva na atualidade, e qual o papel da educação física neste contexto. Para nós, é fundamental que o educador tenha claro que ele mesmo deve perceber que possui um forte papel no que tange a ser mediador entre seus alunos e esta mídia – aliás, a parte esportiva da mídia mereceu, recentemente, por parte do professor Jocimar Daolio, a denominação de “pior parte de toda a mídia, aquela mais preconceituosa e desonesta”³.

Ou seja, é preciso primeiro que a educação física, e os cursos de formação, tanto inicial quanto permanente, tenham sempre em seus conteúdos noções e tópicos sobre as questões de gênero, mostrando o quanto estas são importantes para a constituição da identidade pessoal e social de

todas as pessoas, e que as atividades próprias da educação física são um elemento central na constituição desta identidade de gênero. E os cursos precisam também, a partir destas reflexões, apresentar para os alunos como a mídia pode repercutir noções e preconceitos, baseados em conceitos individuais e estereotipados de seus membros, que acabam por influenciar as representações de toda uma gama de leitores, ouvintes e telespectadores. Assim, é preciso mostrar a todos atuantes na área de educação física que se deve ter uma relação de eterna vigilância com a mídia, ajudando os alunos a desmistificarem o que é dito e veiculado por jornalistas, mostrando que aquilo não é uma verdade em si, mas que é passível de críticas e novas abordagens.

Isto que este trabalho pretendeu mostrar, mesmo que a partir de sua pequena amostra: que é possível se refletir e criticar o que jornalistas “consagrados” pelo seu meio de alta expressão falam, para que não se congelem as representações sobre o que é ser homem na atualidade, e como se pode representar a masculinidade no esporte de diversas maneiras, e não somente uma que estaria de acordo com uma norma hegemônica, mas nem por isso melhor ou mais correta que as outras.

Que o esporte na atualidade possa ser uma forma de expressão livre e alegre para meninos e homens, sem que o peso de “ser homem com H” lhes tire esta felicidade e liberdade que a atividade esportiva pode proporcionar!

Referências

- ANDERSON, E. 2008. Inclusive Masculinity in a Fraternal Setting. *Men and Masculinities*, 10(5), 604-620.
- AQUINO, R. 2002. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BARDIN, L. 2002 *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70.

³ Informação obtida em comentário feito pelo Prof. Dr. Jocimar Daolio na condição de debatedor em mesa-redonda sobre a participação das mulheres no esporte realizada no em março de 2007 no Sesc/Taubaté (SP)

BENEVIDES, M. V. M. 2001. *Cidadania e direitos humanos*. Texto revisto de palestra proferida aos alunos do curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo, outubro de 2001.

BELLOS, A. 2002. *Futebol: The Brazilian way of life*. London: Bloomsbury.

CONNEL, R.W. 1995. Políticas de masculinidade. *Educação & Realidade*, 20 (2), jul-dez/ 185-206.

HULT, J.S. 1994 The story of women's athletics: manipulating a dream. 1890 - 1985. In: COSTA, M.; GUTHRIE, S., eds. *Women and sport: interdisciplinary perspectives*. Champaign, Human Kinetics, .83-106.

KNIJNIK, J. 2011. From the Cradle to Athens: The Silver-Coated Story of a Warrior in Brazilian Soccer. *Sporting Traditions*, 28(1), 63-83.

KNIJNIK, J.; Souza, J. 2011. Brazilian women in the sports press: a case study. *Journal of Human Sport & Exercise*, 6(1), 12-26.

LOLAND, N. W. 1999. Some contradictions and tensions in elite sportsmen's attitudes towards their bodies. *International Review for the Sociology of Sport*, 34 (3), 291-302.

MOSCOVICI, S. 1985. On social representation. In: FORGAS, J. P. (orgs). *Social cognition*. London, Academic Press.

RIAL, C. S. M. Rúgbi e judô: esporte e masculinidade. 2000. In: Pedro, J.M.; GROSSI, M. P. (orgs). *Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis, Editora Mulheres, 229-58.

ROMERO, E. A. 2004. (in) visibilidade da mulher atleta no jornalismo esportivo do Rio de Janeiro. In: SIMÕES, A C. & KNIJNIK, J.D. (orgs). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo, Aleph, 213-252.

TERRET, T. Sport et Masculinité: une revue de questions. 2004. *Revue Internationale des sciences du sport et de l'éducation physique (Spécial Activités Physiques et Genre)*, 66, Automne, 209-225.

Recebido em: 15/03/2012
Aceito para publicação: 02/14/2012